Em Nome Próprio

written by Miguel Correia | 24 de Novembro, 2026



Há nomes que parecem ter nascido com uma vocação natural para a posteridade. Adam Opel, André Citroën, por exemplo, são nomes que transportam consigo uma certa imponência histórica, uma sonoridade quase aristocrática e, sobretudo, uma capacidade invejável de ficar associados a alguma coisa que perdure no tempo. Um automóvel, uma revolução industrial ou, na pior das hipóteses, uma entrada na Wikipédia com mais de três linhas.

Depois há Miguel Correia. Um nome que não compromete, não entusiasma e dificilmente desperta a curiosidade de quem o escuta pela primeira vez. É o equivalente onomástico a um T1 na Pontinha: cumpre a função, tem todas as divisões necessárias, mas não há propriamente motivo para tirar fotografias. O problema é que o panorama não parece estar a melhorar. Pelo contrário, tenho a sensação de que há cada vez mais Miguel Correia espalhados pelo mundo, numa espécie de

produção em série de identidades perfeitamente indistinguíveis. Basta uma pesquisa rápida para encontrar pilotos de ralis, músicos, instrutores de Reiki e até políticos brasileiros. Uma verdadeira constelação de Miguel Correia, cada qual com a sua actividade, o seu percurso e a sua página nas redes sociais, todos unidos pela mesma condenação: partilhar um nome que, por mais esforços que se façam, nunca parecerá suficientemente exclusivo para justificar uma pesquisa autónoma no Google…

A questão ganha contornos particularmente dramáticos quando pensamos na quantidade de Marias que existem neste mundo. Com tanta Maria na Terra, tanto Pedro, tanto João e tanto Miguel Correia, conseguir que alguém retenha um nome tornou-se uma tarefa hercúlea, quase uma missão de interesse público.

Imagino que as próprias indústrias de aparelhos auditivos estejam a acompanhar atentamente este fenómeno, desesperadas por encontrar uma solução tecnológica para um problema que já ultrapassou largamente os limites da audição: não é que as pessoas não ouçam o nome, é que, depois de o ouvirem, não encontram absolutamente nada que as obrigue a guardá-lo. Talvez esteja na altura de ponderar uma alteração de identidade, acrescentar um apelido de ressonância germânica ou, quem sabe, adoptar qualquer coisa com a imponência de um fabricante de automóveis do século XIX. Miguel Correia-Benz, por exemplo, já teria outro impacto. Infelizmente, enquanto não surgir uma solução, resta-me aceitar que, numa sala com dez pessoas, haverá sempre pelo menos duas que respondem quando alguém chama por mim. E provavelmente uma delas será brasileira, piloto de ralis ou mestre de Reiki.